

# Canjêrê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 8 - edição 20 - Junho 2023



## Agora que são elas Mulheres pretas no poder legislativo

por Etiene Martins

Africanidade é  
questão de estilo!



Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro  
é com a Nega Badu!



Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795  
[www.facebook.com/NÉGA-BADU-503633653106251](https://www.facebook.com/NÉGA-BADU-503633653106251)

# Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

## Editorial

Pessoal, que alegria entregar para sua leitura a 20ª edição da Revista Canjerê! É importante ressaltar que, se você não nos lesse, a gente perderia a motivação. Destacamos nesta edição, como matéria de capa a vitória nas urnas de mulheres negras, importantes para a luta antirracista no Brasil e em Belo Horizonte. A trajetória das deputadas Macaé Evaristo, Andréia de Jesus, Leninha e Ana Paula Siqueira é a vitória de parte significativa de mulheres pretas que vêm de longe, lutando e disputando o protagonismo em uma sociedade tão racista, machista e patriarcal, como a nossa! Elas nos fazem relatos impactantes sobre essas disputas de narrativas e práticas, a partir da forma como atuam no parlamento.

A entrevista é com Lúcio Ventania, Mestre bambuzeiro, que declara que no Centro de Referência do Bambu e das tecnologias substitutivas (Cerbambu), bambuzeria que ele coordena, na cidade de Ravena, o trabalho tem um viés de afetividade e encontro, diferente da cadeia de produção e comercialização opressiva. Lúcio, originário de uma família pobre, entende que o seu trabalho deve ser voltado para oportunizar o aprendizado de artistas e artesãos a trabalharem com um produto de baixo custo e que se encontra na natureza: o bambu. Recentemente ele formou algumas comunidades quilombolas de Belo Horizonte, na arte de produção de peças de bambu e instalou quatro bambuzerias nessas comunidades.

25 de maio foi o Dia da África! Além de celebrarmos com muita música africana, a partir da parceria que temos com o OHM Coletivo de djs, trouxemos alguns depoimentos de africanos e da Makota Kidoailê para as nossas redes sociais. Também fomos à São Paulo, prestigiar algumas agendas que lá ocorreram para valorizar esta data, como por exemplo, a exposição África em São Paulo, que se encontra no Museu da Imigração. Falamos dela na seção África.

No mais, como sempre, as nossas seções trazem os temas culturais pretos que tentam contribuir para o fortalecimento das nossas matrizes africanas.

Voltamos a agradecer pela sua leitura qualificada. Até dezembro, com muito axé!!!

Equipe da Revista Canjerê

## SUMÁRIO

p6 Entrevista  
Lúcio Ventania  
Artesão, mestre bambuzeiro, dono de uma vivência inspiradora e trajetória incrível!

p18 Matéria de capa  
Agora são elas - Mulheres pretas no poder legislativo

p24 África  
África em São Paulo

p26 Ensaio  
Sobre a proteção de Xangô, dotada pela comunicação de Exu: Yialorixá Daisy D'Oyá

p10 Comportamento  
Viva Lagoinha busca soluções criativas para requalificar um dos berços de Belo Horizonte

p12 Canjerê  
Canjerê passou também pelo carnaval do Rio de Janeiro

p14 Gente do Canjerê  
A presença artística na vida de Marcio Santos

p16 Olhar Social  
O Brasil que pedala é, majoritariamente, negro

p22 Negócios  
Ele tinha medo de falar em público

p29 Cultura - Literatura  
O Semelhante

p30 Cultura - Música  
Os sons e tons de Augusta Barna

p31 Cultura - Artes Visuais  
Camilo Gan: Plural e Singular

p32 Notícias

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.



### Colaboraram nesta edição:

Bob Wolfenson, Camilo Gan, Cláudio Andrade, Clayton Nascimento, Coletivoz, Cris Vicente, Estúdio TEJ, Domingos Cassinda, Gabriel Oliveira, Leonardo Finotti, Maria Rosa, Marcus Paulo Araújo, Matheus Soares e Paulo Oliveira



Matéria de Capa

**Agora que são elas - Mulheres pretas no poder legislativo**  
Etiene Martins

Arte da Capa:  
Maria Rosa  
@arte.de.maria

## Expediente

**INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES**  
Diretora Executiva  
Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora  
Rosália Diogo

**EDITORIAL**  
Diretora de redação  
Rosália Diogo

Editor  
Equipe da Revista Canjerê

Repórteres  
Moisés Mota, Sandrinha Flávia,  
Samira Reis e Jaice Balduino

Editoração  
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração  
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia  
Sol Brito  
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial  
Naiara Rodrigues

Revisão  
Paulo Roberto Antunes

**CONSELHO EDITORIAL**  
Carlos Serra  
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira  
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte  
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio  
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye  
Centro Cultural Casa África - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues  
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila  
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)  
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo  
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

## LÚCIO VENTANIA

# Artesão, mestre bambuzeiro, dono de uma vivência inspiradora e trajetória incrível!

**Cleonice Silva**

Jornalista formada pela Universidade Federal de Ouro Preto

### Como nasceu o interesse pela arte da bambuzeria?

Venho de uma família de pai pedreiro e mãe lavadeira. Devido à dificuldade financeira em casa, comecei o trabalho muito cedo. Aos 10 anos de idade conheci um oriental chamado Lu, esse homem me ensinou coisas importantes para minha vida.

Eu era muito elogiado pelos meus trabalhos com bambuzeria. Comecei a ensinar meus amigos da Vila dos Marmiteiros, mas, a distância entre a comunidade negra e pobre, do mundo das oportunidades, era muito grande devido às lacunas, o fosso social. Era necessário um aparato educacional mais coerente com a realidade que eu estava encontrando. Conheci pessoas que começaram a se interessar pelo meu trabalho e me auxiliaram nessa ideia de me transformar em mestre bambuzeiro.

### Seu trabalho é voltado para comunidades com índices de vulnerabilidade social?

Em 1985 já tinha certeza de que teria que desenvolver um programa para a cultura do bambu, uma oportunidade para pessoas de baixa renda no Brasil, principalmente pessoas negras. Então, com 20 anos comecei a estruturar programas sociais que envolvessem o conhecimento na arte da bambuzeria e fossem completamente diferentes das oportunidades de trabalho e renda que o mundo normal e careta oferece às pessoas negras.

Iniciei com recortes onde pudesse propor não só o bambu como uma novidade para se obter um instrumento de organização da vida econômica, mas para tecer o modus vivendi fora do sistema opressor.

Desenvolvi um programa chamado Desenvolvimento do Ciclo do Bambu no Brasil. Explicitiei que não era cadeia produtiva e de industrialização, e sim, cultura do bambu, pensei na popularização do uso do bambu para construção de equipamentos públicos de primeira necessidade da família brasileira, entre eles creche. Uma creche observada

e nutrida pela educação da criança negra. Um processo de liberdade e prazer em todas as ações educacionais e não esse caixote onde as crianças ficam depositadas.

Formei mais de 10 mil aprendizes. Levei o ensino para países da América do Sul, como Peru, Bolívia, Argentina, Uruguai e Paraguai.

### O mestre declara que na bambuzeria o trabalho tem um viés de afetividade e encontro, diferente da cadeia de produção e comercialização opressiva

O branco chega com o modelo de creche, desenvolvimento, escola, indústria e negócio. Não queremos prontos! Quero criar indicadores de felicidade e entusiasmo, como o valor da desindustrialização, autossuficiência e da não dependência.

A bambuzeria tem uma carga maior de silêncio e lentidão, porque deve ser feita com as mãos.

Quando você trabalha com as mãos seu cérebro produz mais, o trabalho tem outro viés, não é algo sufocante que toma todo seu tempo e não te permite viver, encontrar, escutar sua família, abraçar quem você ama, lutar pelo que acha importante.

Não queremos fazer exatamente dinheiro, mas, felicidade.

### Lúcio também é um grande educador. O mestre ensina técnicas de bambuzeria, cultivo, colheita, secagem, tratamento das fibras e técnicas de montagem. Em que consiste a metodologia?

A pessoa vem para o Centro de Referência do Bambu e das tecnologias substitutivas (Cerbambu) onde desenvolvemos programas, passa por formação técnica, uma imersão. Em seguida, nossa equipe vai até a comunidade quilombola, localiza um espaço e constrói uma bambuzeria pequena para que possam trabalhar.

Além do espaço físico, recebem a bancada de trabalho e cinco varas de bambu para iniciarem o processo de cultura do

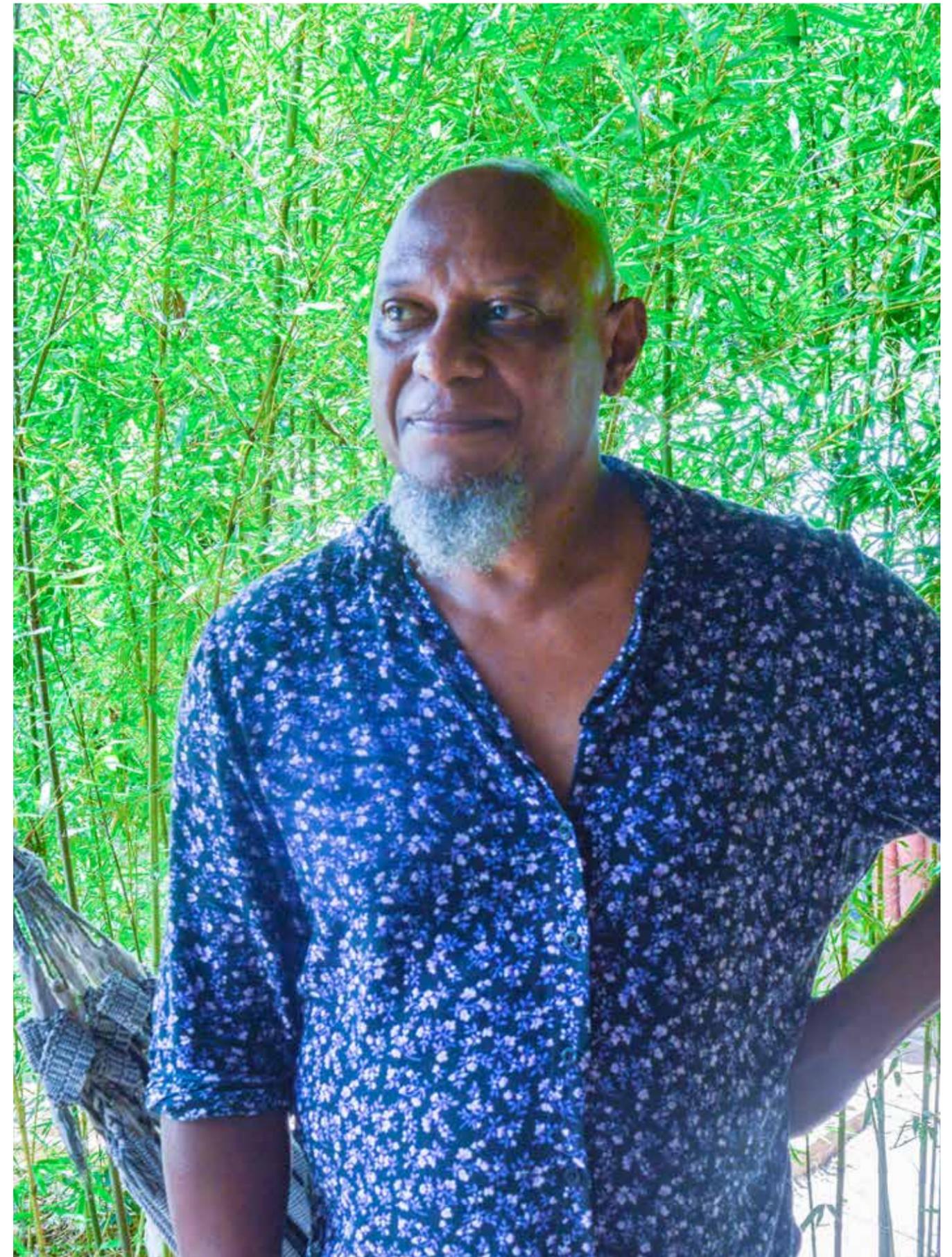




Foto: Rosália Diogo

bambu, plantar e construir seu futuro com as próprias mãos. Instalamos bambuzerias nos Quilombo Mangueiras, Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Quilombo Luízes, Quilombo Souza e Quilombo Matias. Quatro já estão funcionando. Trabalhamos com encaixes, tratamento a fogo e água, com os elementos da natureza. Produzimos cadeiras, mesas, camas, guarda-roupa, armário de cozinha até as próprias casas e aparelhos públicos de primeira necessidade como escolas.

A cultura do bambu possibilita que com pouca terra, a pessoa consiga matéria-prima para trabalhar, produzir e vender seus produtos, sem depender da cadeia de produção e comercialização que gera essa opressão enorme chamada trabalho.

É preciso que as pessoas possam entender que é importante comprar menos, trabalhar menos para determinados grupos e fazer do seu trabalho um lugar de convivência familiar para a construção coletiva do que é necessário para ser feliz.

### **O Brasil encontra-se em desvantagem no tocante ao uso do bambu. Por que você acha que o governo não investe na bambuzeria?**

Estão preocupados em desenvolver concreto que seca mais rápido, porém, esse mesmo concreto seca as mentes humanas. Querem investir no bambu para repetir um processo de industrialização, onde a indústria tem um dono e

muitos empregados. Basta!

Por que ser empregado dos outros se você pode plantar seu próprio bambuzal, construir sua casa, mobília e viver com sua família?!

Esse sistema vem para sufocar e não para gerar oportunidades de riqueza, porque a riqueza maior é a paz.

### **Lúcio acredita que a estrutura das universidades precisa ser repensada**

O universo acadêmico repete todos os processos de colonização através do que chamam de industrialização, busca obsessiva por dinheiro. Todos os mecanismos da sociedade foram inventados dentro das Universidades e chance-ladas por elas. Estão totalmente viciadas em desenvolver tecnologias para que se fortaleça a indústria e o sistema de acumulação de bens. Então, porque o Sistema Jurídico não repensa essa estrutura que aprisiona os negros, os pobres, e liberta aqueles que são opressores?!

Todo meu conhecimento vem de uma experiência de vida, de uma proposta de mudança não de continuidade. Minha relação com a maestria do bambu, vem de vivência humana e enfrentamento da realidade fora dos muros das universidades.

Criei o meu próprio Centro de Referência do Bambu. Aqui é uma universidade com biblioteca, restaurante, sala de aula e salas de descanso para as pessoas ficarem deitadas olhando para os bambus.

### **Comente sobre o bambu como parte do afetivo e de um universo sagrado**

O bambu dentro da religiosidade africana é elemento de conexão com poderosas forças transformadoras de outras forças. Ligação do vazio, do oco com o grande vazio universal.

A comunidade Negra submetida a formas racistas de opressão ficou distanciada da sua própria cultura e ancestralidade, é necessário fazer um movimento de reconexão.

No início deste ano ofereci para 20 autoridades femininas negras que combatem o racismo e lutam pela liberdade do povo negro, 20 Oparuns, 20 Opas negros sagrados, de ouro negro. Isso é reconexão, o bambu através de um mestre de bambuzeiro negro começa a ser reaproximado do seu verdadeiro povo.

Os brancos, principalmente, pensam que candomblé é espetáculo, olham os colares, saias, turbantes, a roupa, o jeito de dançar e acham que é espetáculo. O Candomblé não é espetáculo, é socorro, cura, unidade de atendimento físico

e espiritual onde são movimentadas as forças da natureza chamadas Orixás. Se você faz uma leitura dessa religiosidade africana como um espetáculo, entretenimento, você não entendeu nada!

### **Há algum desejo idealizado e ainda não concretizado?**

A mulher negra brasileira ainda não sabe, mas será protagonista de uma revolução na arquitetura do mundo que está doente e endurecido pelo concreto. Minha maior obra é convencer a mulher da periferia de que junto com outras que têm filhos, podem construir a própria liberdade através de construção com bambu.

O mundo precisa de uma arquitetura oca que se aproxime do que é o próprio ser humano, um ser em transformação o tempo todo.

Tudo que ainda desejo é que a industrialização do bambu não chegue, mas sim a cultura e que a mulher negra brasileira a abrace. Que mulheres e homens negros estejam próximos para que essa revolução aconteça.

Foto: Rosália Diogo



# Viva Lagoinha busca soluções criativas para requalificar um dos berços de Belo Horizonte

**Naiara Rodrigues**

Jornalista e assessora de imprensa

A Lagoinha é um marco de Belo Horizonte desde as primeiras décadas da capital planejada até os dias de hoje, com imóveis com estilos que vão do Art Déco ao Modernismo. Historicamente, a região que deu origem à construção da cidade e acolheu os primeiros imigrantes que chegaram para trabalhar na nova capital – europeus, brasileiros de outros estados e do interior de Minas, com destaque para a população negra. Foi lá que nasceu o samba mineiro, sendo ponto de encontro de músicos e boêmios belo-horizontinos, e foi onde surgiu a primeira escola de samba da capital, ainda na década de 1930, a Pedreira Unida.

Porém, a construção do complexo ferro-rodoviário, na década de 1980, mudou completamente o bairro que antes era integrado ao centro de Belo Horizonte, com comércio agitado e botequins sempre abertos e cheios. O rompimento do eixo centro-bairro marcou o início de uma fase de degradação e falta de investimentos na preservação do seu patrimônio cultural. 40 anos depois da mudança, o resultado desse processo de abandono é a alcunha de “Cracolândia de Belo Horizonte”, em um território que reúne hoje 7 bairros e cerca de 35 mil habitantes. Pensando em mudar essa realidade, moradores que enxergam ali muito mais oportunidades e riquezas criaram movimentos para requalificar a região. Morador do bairro desde 2007, o publicitário Filipe Thales fundou em 2012 o Viva Lagoinha. “A iniciativa tem o objetivo de conectar pessoas que acreditam na resiliência do bairro Lagoinha e fazer economia criativa no território”, explica. Dentre as diversas problemáticas estruturais que a região possui, o Viva Lagoinha busca mitigar: a baixa estima dos moradores, a falta de vitalidade noturna no bairro e o alto índice de pessoas em situação de rua.

Filipe Thales, que já atuou anos em projetos de comunicação e jornais comunitários voltados para a região, explica como desenvolve um trabalho que é de city branding para a Lagoinha.

Foto: Marcus Paulo Araújo



“Primeiro criei uma marca do bairro, para falar das coisas boas daqui. Depois que fundamos o Viva Lagoinha, comecei a criar produtos que seriam vacinas para essas três problemáticas”, explica. Em 2019, surgiu então o Rolezin Lagoinha, em colaboração com o movimento Nossa Grama Verde, que é um passeio guiado que convida moradores e viajantes a redescobrir, com olhares frescos, a história e o presente do bairro, passando por pontos icônicos como o conjunto habitacional IAPI, a Ocupação Pátria Livre, na pedreira Prado Lopes, antiquários, hortas comunitárias e cozinhas da região. “Essa é a vacina contra a baixa estima dos moradores que passaram a ver o bairro com outros olhos depois de receberem esses visitantes. Chegamos a receber até cônsul italiano aqui no bairro”, afirma.

Outra iniciativa importante foi a parceria com eventos da cidade para potencializar a vida noturna do bairro. Em 2019, fizeram outra colaboração com o CURA – Circuito de Arte urbana – que realizou uma edição no território, estrategicamente na rua Diamantina, 733, conhecido como Mirante Lagoinha, chamando a atenção da cidade para o potencial desse espaço que recebeu um dos grafites do festival. O diálogo com a Prefeitura também resultou em um palco oficial do carnaval para Rua Itapecerica, em 2020. Outra colaboração importante foi com a empresa Nadir Figueiredo, a partir de uma petição, realizada em 2020, com objetivo de que a fabricante oficializasse em BH o nome “copo Lagoinha” como seu produto é mais conhecido na cidade. Em 2021, Filipe Thales foi convidado para ser embaixador da marca em Belo Horizonte, o que permitiu a abertura do espaço físico do Viva Lagoinha.

Já sobre o alto índice de pessoas em situação de rua, Filipe destaca que, apesar de ser uma questão de responsabilidade do poder público, os debates dos moradores têm contribuído para melhorias, como a implantação do Centro Integrado de Atendimento à Mulher (CIAM) no bairro. Uma das iniciativas mais recentes da agência de soluções criativas foi o Circuito Lagoinha, lançado em 2021, que promove o território, contando a história local, mostrando o potencial gastronômico, humano e artístico com programação cultural e turística.

Mas não para por aí, a mente criativa de Filipe Thales tem sonhos grandes para o território “Nosso projeto é transformar a Lagoinha num polo cultural e tornar a rua Itapecerica o maior polo gastronômico da cidade de Belo Horizonte. Hoje ela está com 70 portas do comércio fechadas. Queremos criar o maior corredor turístico gastronômico da América Latina aqui”, ressalta. Devido ao impacto desse movimento, já é possível ver novos lugares abrindo no bairro, e as cozinhas e restaurantes da Lagoi-

nha fazendo sucesso na cidade. “Eu acho que eu ainda vou ver outra Lagoinha”, destaca.

A ideia vem a partir do “Rolezin por aí” que é uma pesquisa que o publicitário vem desenvolvendo, visitando diversos locais que também passaram por momentos de auge e decadência, mas que guardam um importante valor histórico com potencial turístico e cultural em suas cidades. Entre os locais já visitados pelo publicitário estão bairros como Bexiga (SP); Lapa, Catete e Glória (RJ); Solar da União (BA); Centro de Recife e Olinda (PE); Rosário (Argentina), entre outros. A pesquisa também ajuda a conectar a Lagoinha com outros pontos do país, uma vez que Thales também integra a Rede Nacional de Experiência de Turismo Criativo. A próxima etapa da pesquisa vai ser neste ano e Filipe já está com a proposta de conhecer Curitiba (PR), Belém (PA), São Luiz (MA), Brasília (DF) e Espírito Santo. “Na terceira temporada, vou em lugares com projetos importantes ligados a moradores de rua e vou participar de um Fórum em Dubai, em 2024. Minha ideia é vender esse projeto de requalificação da Lagoinha para um Xequie árabe. Conseguir financiamento para comprar tudo na Itapecerica e fazer isso acontecer”, afirma Filipe Thales.

Foto: Estúdio TEJ



## CANJERÊ

### Canjerê passou também pelo carnaval do Rio de Janeiro

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

Em dezembro de 2022, fizemos o lançamento da 19ª edição da nossa Revista Canjerê. Como sempre, o encontro foi marcado por muito afeto entre as várias pessoas que colaboram para a continuidade dela, pelas marcas pretas das suas páginas.

Dia 20 de janeiro, celebrado como dia de São Sebastião e dia de Oxóssi, para algumas nações de Candomblé e Umbanda, tivemos a oportunidade de participar das rezas que aconteceram no Reinado Treze Maio, no bairro Concórdia, que é coordenado pela Rainha Isabel Casimiro. Nossa querida Rainha Belinha. Foi um tradicional momento litúrgico que agrega várias pessoas que têm fé no sagrado de matriz africana.



Outra agenda da qual participamos com muita alegria foi da celebração, no dia 21 de março, do Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. A Prefeitura de Belo Horizonte, a Reunião Umbandista Mineira (RUM), a Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente, a Casa Pai Francisco de Angola e Mãe Maria Conga realizaram o “ATO 21 DE MARÇO - REPARAÇÃO JÁ! ZUMBI E DANDARA VIVEM EM NÓS”. O evento foi no Monumento Liberdade e Resistência (Av. Brasil, 41 - Santa Efigênia), e contou com roda de capoeira, saudações ancestrais, ritual da Pemba, canto para Ogum, saudação à Nanã, performance teatral com Michelle Sá e Black Rose, bloco Afoxé Ilê Odara e apresentação do Babadan Banda de Rua.



Estivemos no Rio de Janeiro, no final de fevereiro deste ano, para ver de perto o desfile das escolas campeãs do Carnaval de 2023. Particularmente destacamos a escola de samba niteroiense Unidos do Viradouro cujo tema do samba-enredo foi inspirado na trajetória de Rosa Egipcíaca que é considerada a primeira mulher negra, de origem africana, escrever um livro no Brasil. Nasceu em Benim e foi traficada como escravizada para o Brasil. A trajetória dela, que se tornou liberta, é muito interessante e nós indicamos que se pesquise sobre ela. Com certeza vai se admirar dos seus feitos.

Importante salientar que o ano começou com uma grande vitória para as religiões de matrizes africanas. O presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a lei que reconhece 21 de março como o Dia Nacional de Tradições de Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé.

Nos últimos anos, o número de denúncias de intolerância religiosa disparou, de acordo com dados divulgados pelo Ministério dos Direitos Humanos. A ação do atual governo traz esperança para uma gestão de diálogo e trabalho na tentativa de inibir e punir os crimes praticados por racismo religioso.



Destacamos, ainda, mais uma ação de grande relevância para o Casarão das Artes, que é o Canjerê Mulher. A ação aconteceu no dia 25 de março, e apresentou o show da artista Elisa de Sena com participação especial da DJ Black Josie. Realizado desde 2016, o Canjerê Mulher convida mulheres negras artistas que têm dado importantes contribuições para o cenário da arte negra em Belo Horizonte, sobretudo no campo da literatura, do teatro e da música. O show aconteceu na Casa Canto (sede do Casarão das Artes).



A apresentação trouxe o show “CURA – percussiva e eletrônica”, que promove um encontro musical entre a cantora, compositora e percussionista Elisa de Sena e a DJ Black Josie. O repertório do show é composto de canções do álbum CURA, de 2019, lançado por Elisa e produzido pela DJ Black Josie, além dos singles da cantora, produzidos no último ano e releituras de músicas da MPB.

Elisa de Sena usa sua arte, voz e corpo para abordar ancestralidade, liberdade, direito de ser e ocupar, dentre tantas outras temáticas que surgem de forma natural na sua obra. Seu trabalho musical é enraizado na percussão afro-brasileira, especialmente nos tambores de Minas Gerais, mesclados com elementos da música eletrônica. Já a musicista e produtora musical, Luciana Gomes, reúne suas habilidades e experiências profissionais para dar vida à “DJ Black Josie”, e dedica-se à pesquisa da soul music e sua reverberação no Brasil.



## A presença artística na vida de Márcio Santos

**Jaice Balduino**

Jornalista, assessora de imprensa e estrategista de marcas

Artista, professor, pai e super esposo. É impossível falar de Márcio Sérgio dos Santos sem citar sua maestria nas criações que estão super presentes na vida e espaços em que ele ocupa.

Márcio começou a trabalhar aos 14 anos na Escola Profissional da Rede Ferroviária no bairro Horto, em BH. Na época, havia provas seletivas bem concorridas e era possível se desenvolver profissionalmente. Lá, ele concluiu um curso profissionalizante de três anos e recebia um salário que correspondia a um terço do salário mínimo atual. A Rede Ferroviária fez parte de sua trajetória profissional até sua aposentadoria, trazendo vários desenvolvimentos que o fez desenvolver seus pontos artísticos.

Márcio é técnico mecânico e leva consigo vários cursos profissionalizantes: serralheria, autocad, solda, teclado, violão, cavaquinho.

Sua arte é predominantemente visual e está sempre aberto para novas criações, o que traz novos olhares para suas diferentes formas de atuação. Rico em detalhes, ele usa suas obras como fonte de inspiração para criação de peças marcantes e únicas.

“A arte é a forma como expesso minhas emoções e a minha percepção cultural. Eu uso minha criação artística para ser representada através de várias formas, como a música, a esculturas e peças em solda, pintura, entre outras.”, conta Márcio.

E por falar em formas artísticas, Márcio conta que a música foi despertando, ao longo de sua vida, até que ele se enxergasse como artista. Segundo ele, a arte é um trabalho de conexão com a alma, ela estabelece uma troca de energia, de expressões, de sentimentos e sensações.

Ele é professor de violão e é através da educação musical que ensina crianças e adolescentes a terem também olhares aguçados para a arte e suas formas de expressão.

Segundo o artista, ao trazer o envolvimento das pessoas com a arte, elas desenvolvem melhor as suas competências sociais, artísticas e culturais. E também aperfeiçoam sua sensibilidade e criatividade, que sempre evoluem com o tempo.

Cida Badu, esposa de Márcio, fala o quanto é possível extrair coisas boas de seu esposo, “Ele é um profissional cheio de talentos, é bom pai, bom esposo e andando pela nossa casa qualquer pessoa percebe que aqui respiramos arte.”, conta Cida Badu.

A arte de Márcio, em geral, é um trabalho de conexão com os sentimentos, com o mundo e com aqueles que estão à sua volta. Segundo ele, a arte estabelece uma troca de energia, de expressões, de sentimentos e sensações. “É com essa troca que conseguimos compreender o valor do outro e o que realmente consideramos importante em nossas vidas.” afirma.



Fotos: Arquivo pessoal

## O Brasil que pedala é, majoritariamente, negro

**Jaice Balduino**

Jornalista, assessora de imprensa e estrategista de marcas

Segundo um estudo da plataforma americana Strava, com mais de 95 milhões de utilizadores, houve um aumento do uso da bicicleta em diferentes locais do Brasil. Segundo os resultados da pesquisa, houve maior procura por este tipo de meio de transporte após o início da pandemia causada pelo coronavírus.

Pensando em promover uma visão integral da bicicleta, como transporte, expressão artística, trabalho, lazer, esporte e também como ferramenta de mudança no modo de vida e de relações em centros urbanos e comunidades rurais, o Instituto Aromeiazero desenvolve projetos sociais, educacionais e culturais para reduzir as desigualdades sociais e tornar as cidades mais resilientes. Diferente de outros meios de transporte, a bicicleta promove a mobilidade sustentável, a saúde, a geração de renda, a ciclogística e o lazer, além de ser o meio de transporte mais eficiente em distâncias de até 7km, possibilitando que seja utilizada em trajetos curtos ou em trajetos mais longos, a partir da integração com outros modais, como o transporte público de alta capacidade. Rogério Rai, um dos coordenadores de projetos da ONG, conta que a bicicleta é uma ferramenta de autonomia seja para trabalho, lazer ou estudo, mas afirma que “São Paulo não é um lugar convidativo para quem pedala, principalmente por falta de infraestrutura. Para a garantia dessa integração, insere-se a importância não só da constituição de rede cicloviária acessível, mas também de bicicletários, e o ideal seria que o poder público oferecesse essa estrutura para a população.

Com a finalidade de promover a intermodalidade, constituir infraestrutura para a promoção do uso da bicicleta e incentivar mais pessoas a pedalar, o Instituto Aromeiazero, em parceria com Ciclocidade e com patrocínio do Itaú Unibanco, desenvolve o projeto “Bicicletário Modelo”, que propõe-se a constituir um bicicletário próximo a estações de alta capacidade em áreas com altos índices de vulnerabilidade, nas bordas da cidade de São Paulo. E para chegar lá, o projeto “Mais Bicicletários” se propõe a uma agenda de atividades ao longo do ano de 2022., De acordo com Glaucia Pereira, Especialista em Mobilidade Urbana, com ênfase em pesquisa e dados, a falta de investimento no transporte público ao longo de décadas, no qual sempre foi visto como mercadoria, é uma forma de manter as pessoas nas periferias, já que algumas linhas não funcionam fora dos dias úteis. Outro dado muito importante, é o dado de morte no trânsito. De acordo com o DataSUS 35% de mortes são de motocicletas e em sua maioria homens negros e jovens, da mesma forma que os homens negros nas periferias são os maiores alvos de morte.

A falta de investimento é histórica e ainda prejudica quem precisa se deslocar com antecedência para o trabalho. A bicicleta é uma ferramenta de autonomia, e ela soma acessos.

“A mobilidade urbana é uma ferramenta de acesso à cidade, que leva as pessoas ao trabalho, escola, família, diversão entre outros. A bicicleta permite esse acesso já que é mais rápida, as pessoas também não dependem dos horários de transportes públicos, nem do pagamento da tarifa. Mas há uma grande importância também no investimento de bicicletários para dar mais acessos a outros meios de transportes quando as pessoas têm que se deslocar mais para trabalhar.” Conta Glaucia.

Glaucia Pereira é fundadora do Multiplicidade Mobilidade Urbana, um instituto de pesquisa que existe há 5 anos e é fruto da vontade de se fazer pesquisas inéditas e necessárias, com robustez metodológica e em prol de cidades mais humanas e sustentáveis.

Vinda de uma família de empreendedores, Glaucia tem feito o diferencial quando se fala em pesquisas sobre mobilidade urbana, fazendo intersecções com as questões de gênero e raça. Esses marcadores sempre se mantiveram um pouco distantes das pesquisas tradicionais de mobilidade voltadas para o planejamento das cidades. Sempre com os olhos voltados para a inovação, a pesquisadora procura coletar dados para a construção de cidades mais sustentáveis.

### A bicicleta no combate ao racismo

Dados compilados da pesquisa do perfil do ciclista brasileiro (2018) apontam que 57% dos ciclistas se declaram pardos ou pretos e apontam que esta é uma atividade exercida por 71% de negros, que ganham em média apenas R\$ 936 reais por mês para uma dedicação média de 9h24min por dia.

Pensando em promover a bike como ferramenta de geração de renda, cidadania, fortalecimento de economias locais e melhoria da qualidade de vida para macaenses, de todos os gêneros, maiores de 18 anos, o Aromeiazero realiza desde 2016 o Viver de Bike, formação para quem quer estruturar um negócio de bike, trabalhar com a bicicleta ou entender como ela pode melhorar o seu empreendimento ou trabalho. O curso aborda quatro conteúdos principais: mecânica básica de bicicleta, pedalar na cidade, empreendedorismo e gestão financeira. Aline Os, mulher negra e empreendedora do projeto Senhoritas Courier, conta que já usava a bicicleta como veículo para ferramenta de lazer e também para ir deslocar até a universidade, e passou a usar também para ferramenta de trabalho, dando também a sensação de bem estar. “Eu passei a olhar a cidade de uma outra forma, conhecer a cidade de outra forma, estando também como agente de conexão à aqueles que não podiam sair de casa. Para mim andar de bicicleta é umas das coisas mais prazerosas que faço, ela carrega memórias e consigo identificar coisas da cidade que em um outro veículo eu não consigo identificar.”

“O Aromeiazero foi uma porta de entrada para minha

formação, eu não sabia nada de empreendedorismo, eu não sabia nada de como estruturar um negócio e foi uma maneira de abrir espaços para desenvolvimento. Enquanto um negócio de impacto socioambiental positivo, eu sei que quem procura o coletivo são pessoas negras, pessoas em situação de vulnerabilidade e há uma necessidade de acolhimento. O projeto é uma maneira de dar oportunidades e evoluir para que os mesmos também desenvolvam projetos. O Senhoritas faz com que pessoas pretas, mulheres e pessoas LGBTQIAP+ possam sonhar e alcançar espaços.” expõe Aline.

### Bikeatona e fomento ao empreendedorismo negro

Na linha de promover e fomentar o uso da bicicleta em Macaé, na cidade do Rio de Janeiro, e estimular a segurança da população nas ruas e o uso da bike como modal de transporte e mobilidade, o Instituto Aromeiazero, com o apoio da Ocyan, realiza desde 2021 o Pedala Macaé na Região. A ação faz parte da nova Plataforma Socioambiental da Ocyan, que tem suas linhas de atuação voltadas para a promoção de ações de meio ambiente e desenvolvimento humano. O projeto tem várias ações e uma delas é a Bikeatona, uma maratona de inovação social que selecionou 4 propostas para receberem apoio financeiro de R\$4.000,00 para serem desenvolvidas. Uma delas foi o Mulheres de Bike do Pedala Preta, proposto pela técnica em Turismo Cintia Santos.

Cintia e sua equipe contaram com a mentoria do Instituto Amani e do Casulo Consultoria de Impacto para a implementação desse programa, bem como os projetos selecionados. O objetivo do Mulheres de Bike é mobilizar as mulheres, sobretudo mulheres negras, na cultura da bicicleta em Macaé.

Para Cintia da Silva, mulheres pretas não aprendem a pedalar devido a sua renda mensal mínima, e em famílias de baixa renda quando se usam bicicletas, a preferência é que seja dos homens. E já os homens negros, utilizam a bike por necessidade, já que muitas vezes não tem dinheiro da passagem para trabalhar.

“A bicicleta me devolveu o direito de ir e vir, e como mulher negra as únicas possibilidade de emprego que eu entrava era de faxina, e eu queria mais. Eu já havia iniciado um curso de turismo e abandonei tudo para ser mãe, e com a experiência em projetos eu pude voltar para a minha área e trabalhar com turismo, escrevi o projeto Cicloturismo através do Biketur, e tudo isso me

proporcionou uma experiência incrível. O Pedala Preta devolve espaços políticos, culturais, e defesa na qualidade do meio ambiente, direito à cidade de ir e vir, esse é o foco.” conclui Cintia.

### Sobre o Aromeiazero

O Aro não fala apenas com os “convertidos”, só com quem já é ciclista ou ama a Bike. Fala com os simpatizantes, os medrosos, os do-contra.

Não é o especialista em bicicletas do ponto de vista técnico, mas sim um admirador e promotor dos benefícios e possibilidades que as pessoas podem ter ao se relacionar com as duas – ou três – rodas.

A bicicleta é um meio para trabalhar outras questões, não um fim em si própria. A partir dela, cria-se a aproximação e admiração necessária para se discutir a autonomia do indivíduo, o desenvolvimento de uma comunidade, a expressão de uma cultura.

Whatsapp: 11 96320-4555

contato@aromeiazero.org.br

<https://www.aromeiazero.org.br/>

### Sobre o Pedala Preta

Pedala Preta é uma ideia desenvolvida pelo grupo Mulheres de Bike de Macaé – RJ e tem como objetivo mobilizar mulheres, principalmente mulheres pretas, para o poder potencializador da bicicleta. Serão oferecidos passeios guiados de bicicleta em pontos turísticos da cidade, alguns com bicicletas emprestadas pelo projeto e outros para as participantes irem com suas próprias bikes. Fiquem atentas pois em breve lançaremos o primeiro roteiro!

[www.instagram.com/pedalapreta](http://www.instagram.com/pedalapreta)

### Sobre o Multiplicidade Mobilidade Urbana

O Instituto de Pesquisa Multiplicidade Mobilidade Urbana – IPMMU promove conhecimento e transforma pessoas para a construção de cidades melhores. Atuamos nas áreas de pesquisas e dados, divulgação científica e cursos.

[www.multiplicidademobilidade.com.br](http://www.multiplicidademobilidade.com.br)

contato@ipmmu.com.br



Fotos: Arquivo Aromeiazero

# Agora que são elas – Mulheres pretas no poder legislativo

Etiene Martins

Etiene Martins é mulher preta, militante do movimento negro, pesquisadora das relações étnico-raciais, mestra e doutoranda em comunicação e cultura pela UFRJ



Foto: Matheus Soares

A baixa representatividade étnico-racial e de gênero é uma das características históricas da sociedade brasileira. Nos três Poderes da República, homens brancos predominam em cargos de gestão e comando. Quando se analisa apenas o Poder Legislativo Nacional, essas são as características do Senado na legislatura passada corrente: dos 54 senadores eleitos em 2018, apenas sete são mulheres; dessas nenhuma é negra. Optamos propositalmente por citar dados da gestão anterior e não dessa porque com as cotas houve diversas pessoas que até então se autodeclararam brancas, e

depois de ser instituída uma reserva de verbas destinadas a candidatos negros e candidatas negras passaram a se declararem negras de forma muito suspeita e portanto não necessariamente a autodeclaração condiz com a verdade. Fazendo uma breve análise com um recorte territorial das metrópoles situadas no Sudeste, podemos constatar que essa discrepância não é exclusiva na gestão política federal. No que diz respeito ao Legislativo mineiro, ao longo dos seus 183 anos de existência, desde 1835, apenas em 1963 foram eleitas as primeiras mulheres, são elas brancas, Marta Nair Monteiro e

Maria Pena. Cinquenta e seis anos depois, na 19ª Legislatura (2023-2027), há apenas 15 deputadas, em um universo de 77 parlamentares e das 15 foram reeleitas as três mulheres negras eleitas na história do estado, são elas: Ana Paula Siqueira, Andréia de Jesus e Leninha e eleita para seu primeiro mandato Macaé Evaristo. Quando o cenário é o federal, o estado de Minas Gerais possui 53 representantes, no qual apenas nove são mulheres e apenas uma é negra. Dandara Tonantzin foi eleita deputada federal depois de ser a vereadora mais bem votada na história de sua cidade, Uberlândia. Nessa edição da Canjerê, fomos bater um papo com essas cinco mulheres eleita pelo povo para trabalhar para o povo. Nesse bate papo individual com cada uma delas, buscamos entender como e quando se deram os interesses delas em serem parlamentares, quais foram a suas maiores satisfações na trajetória política e quais são os principais desafios para uma parlamentar negra nesse cenário majoritariamente masculino e branco. Elas contaram como lidam com a misoginia e com o racismo e quais são as referências que admiram. Confira trechos das respostas aqui nesta matéria e as entrevistas na íntegra no site da revista Canjerê.

## Como e quando você entendeu que queria ser uma parlamentar?

Andréia de Jesus, depois de uma longa trajetória profissional que começou como empregada doméstica, passando por educadora, advogada popular, alcançou um cargo de assessora parlamentar em um gabinete municipal em Belo Horizonte e foi nessa ocasião, lá em 2016, que se deu conta de que queria ser uma parlamentar, “foi nesse momento que percebi minha capacidade de ser referência e formadora de opinião e decidi que poderia fazer a diferença na vida das pessoas por meio da

minha atuação política como representante”. Já Dandara foi convocada em 2020 para ser parlamentar municipal depois de ter iniciado sua trajetória como militante no movimento estudantil: “recebi uma convocatória para representar um projeto coletivo de ser candidata a vereadora por Uberlândia e me tornei a mais votada na cidade”. Assim como a deputada Andréia de Jesus, a deputada Ana Paula Siqueira se tornou deputada através de acúmulo de experiências políticas e profissionais, “desde muito jovem participo dos movimentos sociais da igreja católica, que foram fundamentais para que eu tivesse essa formação de enxergar o mundo a partir da coletividade. Sou nascida e criada na periferia, convivi toda minha vida com múltiplas realidades, essa consciência da importância da participação popular, política, social, sempre me atravessou.

Arte: Maria Rosa





Foto: Arquivo pessoal das parlamentares

Depois, mais tarde, cursei Serviço Social”. Diante dessa pergunta, Macaé relembra que constatou que queria ser parlamentar quando era secretária do MEC, “Inúmeras vezes, fui ao Congresso Nacional. Ao ouvir deputados de direita, pensava que eles nunca fariam por nós. Nunca apresentariam as nossas demandas. É preciso que a política seja ocupada por nós!”.

**Nessa sua trajetória política, o que mais te trouxe ou traz realizações?**

Para a deputada Leninha, a satisfação maior é estar próxima das pessoas: “Estar com o povo. O meu povo. Falar olho no olho. Ver de perto as suas necessidades, falar abertamente onde e como podemos incidir”. A política, na concepção em que Macaé se filia de acordo com ela, é um espaço de construção coletiva, que a permite encontrar boas soluções para melhorar a vida das pessoas. “Nesse sentido, eu me realizo todos os dias na interação com as pessoas que

vão ao gabinete, com as que encontro nas ruas, nas mobilizações ou nas audiências públicas. Empenho-me na construção de políticas públicas na área da educação, com destaque para políticas de ação afirmativa e inclusivas”. Andréia de Jesus é prática e se sente realizada todas as vezes em que sua equipe têm êxito nas lutas que travam no ambiente parlamentar: “O trabalho do parlamentar legislativo tem movimentações que ficam muitas vezes afastadas dos “holofotes” ou que chegam com mais dificuldade ao conhecimento público. As nossas conquistas são geralmente demoradas, os projetos de lei, por exemplo, que passam por diversas comissões antes de serem efetivamente implementados”. Já para Dandara estar fazendo acontecer em seu primeiro mandato, como única deputada negra federal do estado de Minas Gerais, já está vislumbrando um futuro mais negro e feminino nos espaços de poderes. “A minha maior realização é poder ser inspiração e abrir caminhos para muitas outras

mulheres negras, é poder dizer que lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive na política”.

**Além dos outros desafios, quais são as dificuldades de ser uma parlamentar negra em um espaço político majoritariamente masculino e branco?**

Andréia de Jesus, a única parlamentar dentre os 77 que tem que fazer uso de segurança pessoal durante 24h porque é cotidianamente ameaçada de morte, responde a essa pergunta dizendo que: “Ser uma parlamentar negra é uma tarefa desafiadora que requer amparo dos nossos ancestrais, além de muita coragem, determinação e perseverança, pois é necessário enfrentar a resistência e a hostilidade enquanto trabalha para mudar a realidade em que vive e, infelizmente, morrem os seus. Sinto uma grande responsabilidade porque, sobretudo, sou parte da primeira leva de mulheres negras a ocupar esse cargo aqui na Assembleia de Minas, e ocupamos em um momento em que, na conjuntura nacional, prevaleciam os discursos intolerantes e violentos, especificamente racistas, misóginos e clas-

sicistas. Ana Paula atenta para o fato de que “as pessoas, de um modo geral, não estão acostumadas a ver os nossos corpos nesses espaços”. O desafio para Macaé está em “tornar esse espaço mais feminino e mais preto. Estou feliz de ter sido eleita, mas especialmente de ter sido eleita com outras mulheres negras. No geral, as pessoas descredita nas nossas candidaturas e apostam que só é possível eleger uma pessoa negra, uma mulher negra em cada pleito. Neste ano, com todo o debate que vivenciamos no país nos últimos quatro anos, a defesa e reafirmação da democracia para Minas são pontos muito importantes”. A percepção da Leninha vai ao encontro com as das outras parlamentares. “Nossa presença incomoda, incomoda muito. Mas, é necessário continuarmos nessas trincheiras e vencer esse ranço colonial e patriarcal”. Dandara se sente parte de um movimento ancestral: “Sou parte desse movimento para enegrecer os espaços de poder e combater a lógica da política, feita pelas elites, da manutenção dos privilégios e da exclusão das mulheres e negritude dos espaços de poder”.

Foto: Arquivo pessoal das parlamentares



## NEGÓCIOS

## Ele tinha medo de falar em público, mas superou e hoje ajuda milhares de pessoas a conquistar uma comunicação de alto impacto

**Sandrinha Flávia**

Jornalista, apresentadora e empresária

Foto: Domingos Cassinda



Desde que encontrou a sua missão de vida, o angolano Kimuanga Bumba (48) ajuda as pessoas a conquistarem uma comunicação de alto impacto de forma integral e sistêmica. O mestre ou mentor, como é chamado por seus alunos, é formado em Administração de Empresas, MBA em RH e logística, criador do Método Muanga, Master Coaching Integral Sistêmico e palestrante.

Nem sempre o mestre teve uma boa desenvoltura na comunicação. Sua história perpassa por vários obstáculos. Na época escolar, as picadas de mosquitos prejudicavam a aparência da sua pele e por conta disso os pais dos outros alunos não deixavam as crianças se aproximarem. A gagueira e a chacota, por conta do seu nome, contribuíram para as

faltas escolares e reprovações, mesmo sendo um bom aluno.

“Kimwanga Mbumba”, essa deveria ter sido a escrita correta do seu nome, porém, devido à colonização portuguesa, o registro ficou como “Kimuanga Bumba”, como explica o mentor: “Na Língua portuguesa não existia a letra “w” no alfabeto, então eles definiram que tinha que ser escrito com letra “U”. Também não tem palavras que começam com consoantes, ou seja, o “M” de Mbumba, eles removeram. Assim foi a ditadura do tempo colonial”.

Seu nome é oriundo da Aldeia Bumba em Malanje. O prefixo “Ki” significa algo de grande valor que não pode ser desperdiçado. O sufixo “Mwanga” quer dizer aquele que espalha luz. Já o sobrenome “Mbum-

ba” significa poder, riqueza, trabalho, prosperidade e terra. A sua missão de vida já estava construída com a força do significado do seu nome próprio. Jogar bola era a sua brincadeira preferida, apesar das dificuldades em conseguir uma bola. Naquela época, Angola vivia um cenário de guerra, os brinquedos distribuídos para as crianças pobres eram armas. Com dezenove anos, seu irmão o viu jogar e o incentivou a entrar num time profissional. Kimuanga visitou vários clubes, mas não foi aceito em nenhum. Essa rejeição, aliada a outros problemas pessoais fizeram o mestre pensar em tirar a própria vida.

Mas, o mundo deu voltas e Kimuanga aprendeu a arte de cortar cabelos. Conseguiu um trabalho como barbeiro e com o dinheiro que ganhava investiu em materiais para treinar basquete. Caminhava quase duas horas para treinar sozinho. Quando voltava para a casa, nem sempre tinha o jantar, o jeito era comer os figos de uma árvore do seu quintal ou papa de soja, um tipo de comida servida para refugiados.

Quando tudo parecia perdido, foi convidado para jogar num campeonato universitário com a promessa de talvez conseguir uma vaga para estudar. Mas, na final, descobriram que ele não era estudante e foi retirado do time. A bebida alcóolica foi o caminho para afogar a decepção.

Mas, a frustração durou pouco. O presidente da Associação Nacional de Basquete Universitário o convidou para jogar no campeonato nacional da Angola, o maior da África. Kimuanga foi selecionado para o time de melhores atletas mesmo não sendo estudante. Em 1998, foi selecionado para representar o time de Angola no Campeonato Pan-africano na África do Sul, mas chegar naquele país não foi fácil, pois não tinha documentos muito menos roupas e sapados apropriados. Com a ajuda de boas pessoas, conseguiu viajar.

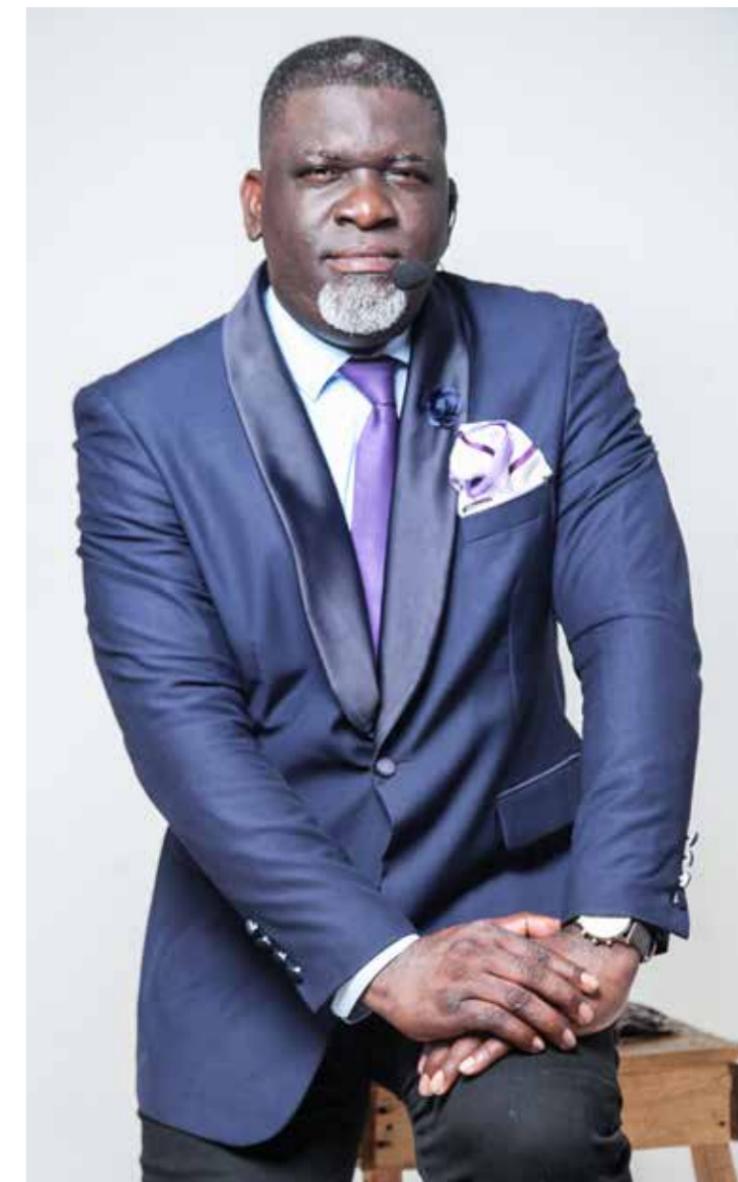
Mais tarde, tornou-se treinador e, quando largou o basquete, fez estágio em uma rádio, depois trabalhou em uma empresa no setor de contas a pagar e gestão de estoques e se interessou pela faculdade de administração de empresas. Foi no curso que surgiu a oportunidade de apresentar um trabalho. Kimuanga ficou tão nervoso que foi vaiado pelos colegas.

A primeira fala bem sucedida em público foi num casamento, quando seu pai o convidou a fazer a leitura da carta de pedido. O mestre se saiu muito bem e, então, passou a ser o orador dos eventos da família e a investir em cursos, além de se modelar no estilo Barack Obama.

Kimuanga já deu palestras e treinamentos para milhares de pessoas, inclusive no Brasil. Hoje, sua missão de vida é formar pessoas para a vida por meio dos cursos de oratória, apresentação de alto impacto e superação, ajudando seus alunos e alunas a descobrirem as suas forças e fraquezas, sonhos e talentos de forma integral e sistêmica com foco nas áreas espiritual, familiar, saúde, emocional, profissional, conjugal, etc.

Siga o Instagram: [@kimuangaabumba](https://www.instagram.com/kimuangaabumba)

Foto: Domingos Cassinda



## ÁFRICA

# África em São Paulo

**Rosália Diogo**

Jornalista. Pós-doutorada em Antropologia da População Afro-Brasileira. Coordenadora do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado.

Chefe de redação da Revista Canjerê

Este é o nome da Mostra, exposta no Museu da Imigração de São Paulo e que traz retratos de imigrantes africanos que vivem na capital. Ela reúne fotografias de Bob Wolfenson e entrevistas com quarenta e três pessoas do continente africano. Estão à Mostra, desde o dia 19 de maio, mais de cinquenta fotografias, vindas de vinte e um países, acompanhadas de textos com o perfil dos personagens.

Destacamos, nesta representação, a presença imagética da senhora Mama Diop. Uma vida difícil e sem perspectivas levou Soda Diop a deixar o Senegal. Como refugiada, desembarcou no Brasil há quinze anos em busca de novas oportunidades. Soda começou como faxineira em escolas municipais da cidade de São Paulo, sofreu racismo e preconceito até, finalmente, conseguir realizar o sonho de infância: se tornar uma estilista de sucesso. “Mama África”, como ficou conhecida em terras brasileiras por acolher refugiados. Ela vestiu até Elza Soares.

Ela comenta que estava muito difícil lá na África e também foi bastante complicado quando chegou no Brasil. Segundo ela: “Eu comecei como faxineira de uma escola municipal, mas a diretora teve problemas comigo lá, não gostava da minha cor. Me mudaram de

escola e lá todos me receberam muito bem”, contou Soda.

Depois que seu contrato como faxineira acabou, ela passou a vender bijuterias que comprava de chineses no entorno da famosa Rua 25 de Março e, até hoje, é grata ao gesto de um homem brasileiro que a deu R\$ 100 por um par de brincos que valiam muito menos. “Rezo por ele todos os dias e queria reencontrá-lo”, disse.

Soda vestiu a sua roupa e partiu para a rua vender as bijuterias. Certa vez, uma mulher a parou e perguntou onde ela tinha comprado o turbante e a senegalesa teve a ideia de, no dia seguinte, levar um de seus acessórios para vender.

Hoje Mama África tem uma loja de tecidos e acessórios diversos, de matriz africana, na Praça da República, em São Paulo.

O texto de apresentação foi escrito por Jeferson Tenório e do ativista guineense Vensam lalá, sobre quem vamos fazer também um destaque, neste momento.

Recentemente, O Democrata informou que o modelo guineense Vensam lalá liderou um dos 10 principais eventos do “Homem do Mundo” realizados nas Filipinas. A competição contou com seis representantes de

seis países africanos, mas a Guiné-Bissau conquistou a medalha de prata, graças ao jovem modelo que atualmente reside no Brasil. Vensam lalá nasceu e foi criado na Guiné-Bissau, mas, em 2014, mudou-se para o Brasil para estudar na Universidade Estadual de São Paulo. Além de modelar, é voluntário em uma organização chamada Peace Mission que trabalha com imigrantes em São Paulo. Ele também é apaixonado por futebol e jogou pelo time amador de Assis, em São Paulo, e pela Segunda Liga de Futebol da Guiné. Ele também é o vencedor do Sr. Africa Brasil. Outro nome que ressaltamos nesta exposição é o do moçambicano Marcial Macome. Ele possui graduação em Teatro pela Universidade Eduardo Mondlane (2015), Mestre em Artes Cênicas, pela Universidade de São Paulo, Doutorando em Artes Cênicas pela USP e membro do Coletivo Legítima Defesa. Foi realizador das vídeo aulas do manual de ensino de Língua Portuguesa produzido pela Faculdade de Letras da UEM para a Universidade de Flórida no projecto African Languages Initiative. Foi monitor das disciplinas de Dramaturgia e Produção Gestão e Marketing na Universidade Eduardo Mondlane, foi professor da rede pública em Moçambique. Tem interesses nas áreas de: direção teatral, análise e crítica teatral, história da África, boa governação, dança e memórias afetivas, micro-estruturas do racismo, violência e estética, conflitos étnicos raciais e pan-africanismo. Membro da Rede Africana de defesa dos Direitos Humanos.

No dia 28 de maio, paralelo à Mostra, aconteceu o encontro Afrikanse, em que peças e acessórios de matriz africana eram comercializadas no entorno do Museu da Imigração. Além dessa exposição de produtos, vários artistas, músicos e dançarinos africanos se apresentaram no jardim do Museu durante toda a tarde e início da noite.

Enfim, vimos com muito bons olhos a iniciativa do Museu da Imigração de São Paulo, que é a de acolher respeitosamente a presença de negros africanos. Indubitavelmente, as ações desenvolvidas pelos africanos e essa iniciativa do Museu contribuem substancialmente para o processo de letramento racial do Brasil. Esperamos que o racismo seja menos violento, desde que toquem pessoas que ignoram a valiosa contribuição dos africanos e seus descendentes na diáspora brasileira.

*Referência Bibliográfica:*

*Destacamos que para a produção deste texto, contamos com a pesquisa feita no site do Museu da Imigração e das agências de notícias que cobriram o evento.*

Foto: Elissandra Flávia



Foto: Rosália Diogo



Nduduzo Siba- Sul-africana  
Foto: Bob Wolfenson



## Sobre a proteção de Xangô, dotada pela comunicação de Exu: Yialorixá Daisy D'Oyá

**Robson Di Brito**

Mestre interdisciplinar em Humanidades. Atualmente mestrando em Artes pela UEMG: Escola de arte Guignard. Jornalista, Pesquisador e Escritor

A diáspora africana no Brasil recebeu como herança todos os elementos para construção das manifestações culturais que também se revelam por meio da religiosidade. Os ditados populares, mitos e cantos são parte dessa herança que constituem as religiões de matrizes africanas como o Candomblé. É possível perceber nas experiências coletivas e individuais dos afro-brasileiros e dos adeptos de suas religiões, inseridos na complexidade das relações socioeconômicas, uma resistência e perseverança que nos aproximam dos orixás Exu e Xangô.

Foto: Cláudio Andrade



Divindades dos cultos afros que representam a força (o Axé) do dinamismo transformador da vida e da dinâmica da história (Exu), bem como a busca incomensurável pela justiça (Xangô) que se apresenta nas demandas políticas da população afro-brasileira e que se tem colocado mais fortemente nas últimas décadas.

Na história do Centro de Tradições e Memórias Afro-brasileiras Ilê Axé Afonjá Oxeguiri, conseguimos perceber essa busca por justiça, presente no Orixá Xangô, patrono do Ilê, mas visualizamos uma proximidade com o ditado iorubano: “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje”. O terreiro une-se com a fundação no bairro Concórdia, localizado na região Noroeste da capital de mineira. Enquanto o bairro nascia como a primeira área para abrigar os trabalhadores operários em 1929, naquela mesma data nascia o Babalorixá Obá Ogemunde. Sua mãe, Josina Maria, vinda de Itacaré, na Bahia, deu à luz no mesmo dia em chega em Belo Horizonte. Passou a viver em uma humilde residência em um terreno cedido pela Igreja Católica cercado de mato e esperança. Josina Maria construiu um espaço sagrado proporcionando à população atividades de benzimentos e acolhimento da população da região, difundindo a cultura religiosa afro-brasileira. Posteriormente seu filho, um cultuador do Orixá Xangô, José Lisboa, o Babalorixá Obá Ogemunde, deu continuidade ao seu legado espiritual.

Será sob a orientação de José Lisboa que se criaram as festividades tradicionais: Festa de Xangô, Festa de Caboclo, Cortejo de Obaluaê, entre outras festividades que congregam adeptos das religiões de matrizes africanas e seus simpatizantes. Sobre sua liderança, o terreiro será registrado como Centro de Tradições e Memórias Afro-brasileiras Ilê Axé Afonjá Oxeguiri em 1970. E após os anos 2000, com o seu falecimento, Mãe Daisy Lisboa, ou Yialorixá Daisy D'Oyá, sua filha biológica,

foi a escolhida por Xangô como nova liderança do terreiro, dando continuidade com compromisso, resistência e persistência na construção do Axé no bairro Concórdia.

Os orixás, como forças e energias naturais e sociais, refletem parte da dinâmica histórica que o Ilê Axé Afonjá Oxeguiri representa na materialização da cultura e da ideologia afro-brasileira. Mãe Daisy Lisboa, como cidadã comum, é funcionária pública há mais de 30 anos atuando no Instituto Raul Soares. Sua independência reflete-se nas escolhas de condução do terreiro. Diferentemente de outros, não possui sua subsistência pessoal em sua atuação religiosa, mas de seu trabalho como funcionária pública. Já a sobrevivência do terreiro é nutrida de forma colaborativa com a população e seus frequentadores. Dessa forma, em contribuição a escrita da história do bairro Concórdia, o terreiro e Mãe Dayse consideram a participação da população importante para continuidade das atividades. De acordo com isso, o axé (força vital dinâmica), como metáfora do compartilhamento e irmandade, é partilhado pelo apoio e participação em celebrações e festejos realizados por outros grupos/coletivos culturais do Bairro, como a saída do Boi da Manta, das Guardas de Congo e dos Cortejos carnavalescos e outras demonstrações culturais do bairro Concórdia, além do apoio social como acolhimento de pessoas com vulnerabilidade social e alimentar.

No ano de 2016, em função de chuvas que ocorreram em janeiro, houve o surgimento de um buraco na entrada social do Ilê, o que ocasionou a destruição dos fundamentos dos Orixás Tempo e Akokô, árvore sagrada desse ancestral. Sobre forte reivindicação junto ao poder público, a lialorixá Daisy D'Oyá conseguiu realizar o relatório com a Diretoria de Patrimônio Cultural e Arquivo Público (DPCA) da Fundação Municipal de Cultural (FMC) e da Secretaria Municipal de Cultural (SMC), como procedimentos da denúncia apresentada ao Ministério Público sobre conduta irregular da Prefeitura de Belo Horizonte diante dos estragos causados ao Ilê Axé Afonjá Oxeguiri no rompimento da rede pluvial que passava pelo quarteirão, com o intuito de liberar e reformar o acesso ao terreiro que ficou totalmente interrompido, impossibilitando a realização das cerimônias públicas de culto aos Orixás. O racismo e preconceito religioso contra as reli-

giões de matrizes africanas no Brasil demonstram que a ideologia escravagista ainda existe entre nós. A pedra que Exu lançou hoje atinge essa ave de enorme envergadura, representada no preconceito e no racismo que se lança em nós de um passado longínquo, que se estende sobre as religiões de matrizes africanas e ao povo preto. E o Ilê Axé Afonjá Oxeguiri, que se trata de um terreiro de Candomblé da Nação Queto (Ketu), herdeiro da herança cultural de povos do Oeste-Africano, pelos falantes do iorubá localizados em partes dos atuais países Benim, Nigéria e Togo também é essa pedra de Exu, que luta e resiste. Assim como a existência dos corpos pretos, da cultura negra e de sua religiosidade. O Centro de Tradições e Memórias Afro-brasileiras Ilê Axé Afonjá Oxeguiri é uma resistência ao preconceito que continua a atingir a religião. O medo da quebra do Axé e da perda dos conhecimentos rituais da religião parece ter se tornado mais patente.

Foto: Cláudio Andrade



Como afirma Mãe Dayse de Lisboa, o que a deixa abismada é a falta de comprometimento e desrespeito em relação ao conhecimento e aprendizado com os mais velhos.

Outra recordação de incômodo que a Yialorixá nos fala diz sobre os modismos da era da Internet. São frequentes as queixas de sacerdotes mais antigos, como Mãe Dayse de Lisboa, de que com a difusão virtual de saberes desvirtuam o verdadeiro princípio de compartilhamento de Axé. Os adeptos da “macumba online”, por resistirem às regras dos rituais e às etapas seguidas em um terreiro, conforme ensinamentos adquiridos das gerações anteriores, tornam-se um desafio. Já entre os que se iniciam, aparece outra perspectiva de críticas: as formas tradicionais de aprendizagem e sociabilidade do candomblé consideram que são antagônicas ao modo de vida na sociedade atual. É claro que a comunicação virtual ajuda a difundir a cultura e de maneira relativa auxilia na desconstrução do preconceito. Recorda a Yalorixá que mesmo sendo uma das potencialidades do Exu, já que Exu é a comunicação e a Internet é seu campo de atuação também, não deve ser o local do “pulo do gato”, ou seja, de contar, mostrar ou reproduzir o Oró do terreiro. Isso porque cada casa é uma casa, cada Yialorixá e Babalorixá é uma Yialorixá e um Babalorixá. Todos os cultos e ensinamento são para louvor e reverência aos Orixás, mas cada um segue um caminho e se encontram nas várias encruzilhadas da vida, por isso são religiões de matrizes africanas.

Assim, não se trata apenas de um conflito de gerações ou da diferença entre modos de vida em uma comunidade inserida em terreiro, e alternativamente fora de uma comunidade de terreiro; suspeita-se que tenha relação com a facilidade dessas pessoas (iniciantes) acessarem os saberes do culto, virtualmente, de maneira indiscriminada, em qualquer tempo, sem qualquer tipo de mediação pelos mais experientes na vivência do Axé em comunidade, de forma autônoma e, em muitos casos, distantes do espaço físico de um terreiro. Estes chegam trazendo “informações” pesquisadas não só na literatura acadêmica sobre religiosidade afro-brasileira, mas no ciberespaço, denominado por esses simpatizantes como ciberaxé (blogs, sites, páginas em redes sociais, canais de vídeos e demais veículos de publicação de imagens, textos e sons sobre a temática do candomblé) e problematizam os fazeres instituídos, sobretudo se diferem do “apreendido”, teoricamente, em suas “pesquisas”.

Sobre a proteção de Xangô, dotada pela comunicação de Exu, a Yialorixá Daisy D’Oyá deixa como mensagem aos seus filhos gestados no Axé e aos novos adeptos das religiões de matrizes africanas: “que o respeito seja o tudo na sua existência como cultuador dos Orixás, e que sua dedicação para eles seja a melhor resposta a perguntar — o porquê da vida? Não somos os Orixás, somos dos Orixás e para eles. E tenha fé!”.

Foto: Cláudio Andrade



## CULTURA - LITERATURA

# O Semelhante

**Elisa Lucinda**

Atriz e poeta

O Deus da parecnça  
que nos costura em igualdade  
que nos papel-carboniza  
em sentimento  
que nos pluraliza  
que nos banaliza  
por baixo e por dentro,  
foi este Deus que deu  
destino aos meus versos,

Foi Ele quem arrancou deles  
a roupa de indivíduo  
e deu-lhes outra de indivíduo  
ainda maior, embora mais justa.  
Me assusta e acalma  
ser portadora de várias almas  
de um só som comum eco  
ser reverberante  
espelho, semelhante  
ser a boca  
ser a dona da palavra sem dono  
de tanto dono que tem.

Esse Deus sabe que alguém é apenas  
o singular da palavra multidão  
É mundão  
todo mundo beija  
todo mundo almeja  
todo mundo deseja  
todo mundo chora  
alguns por dentro  
alguns por fora  
alguém sempre chega  
alguém sempre demora.

O Deus que cuida do  
não-desperdício dos poetas  
deu-me essa festa  
de similitude  
bateu-me no peito do meu amigo  
encostou-me a ele  
em atitude de verso beijo e umbigos,  
extirpou de mim o exclusivo:

a solidão da bravura  
a solidão do medo  
a solidão da usura  
a solidão da coragem  
a solidão da bobagem  
a solidão da virtude  
a solidão da viagem  
a solidão do erro  
a solidão do sexo  
a solidão do zelo  
a solidão do nexo.

O Deus soprador de carmas  
deu de eu ser parecida  
Aparecida  
santa  
puta  
criança  
deu de me fazer  
diferente  
pra que eu provasse  
da alegria  
de ser igual a toda gente

Esse Deus deu coletivo  
ao meu particular  
sem eu nem reclamar  
Foi Ele, o Deus da par-essência  
O Deus da essência par.

Não fosse a inteligência  
da semelhança  
seria só o meu amor  
seria só a minha dor  
bobinha e sem bonança  
seria sozinha minha esperança

Ilustração: Leo Ramaldes



## Os sons e tons de Augusta Barna

**Roger Deff**

Rapper de BH, jornalista com especialização em produção e crítica cultural pela PUC Minas e Mestre em Artes pela UEMG

Fotos: Gabriel Oliveira



Augusta Barna é destas artistas que deve ser observada com muita atenção e de perto. Cantora, compositora e atriz, a jovem impressiona pela desenvoltura da sua performance vocal e pela maturidade das suas composições, de letras que carregam uma poesia potente ancorada em uma música de roupagem pop, dialogando com referências que vão da MPB ao funk brasileiro, mas sem necessariamente buscar um rótulo. Nesse sentido, assim como os tropicalistas, Barna mistura sons e tons com a liberdade de quem apenas quer expressar sua arte, da maneira mais sincera e profunda que puder.

Apesar da consistência do trabalho, a carreira fonográfica de Barna é recente e teve início em 2021, quando lançou seu primeiro EP, intitulado “Ruídos”. Apenas dois anos depois, seu primeiro álbum “Sangria Desatada” ganha o mundo. Com dez faixas, o disco entrega excelentes canções, com destaque para “Acaju”, “Chegada” e “Ganhar”, músicas que evidenciam a versatilidade da cantora, em interpretações memoráveis, distintas, que demonstram facetas muito interessantes do seu trabalho. O crédito vai também, obviamente, para a equipe de músicos competentes que acompanham a artista, sendo Dudu Amendoeira responsável pela produção musical, além de Chico Bueno (guitarras), Rodolfo Buarque (percussão), entre outras presenças no disco.

O trabalho dessa promissora artista pode ser conferido em seu canal do youtube

<https://www.youtube.com/@AugustaBarna>

e nas principais plataformas digitais.

## Camilo Gan: Plural e Singular

**Moises Mota**

Jornalista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

Doutor Camilo Gan é um artista plural como dançarino, músico, compositor, educador e produtor. É licenciado em música pelo Instituto de Ensino Superior Izabela Hendrix e Doutor Honoris Causa pela Ordem dos Capelães do Brasil. Natural de Belo Horizonte, sua carreira profissional iniciou-se em 1998, conectada aos saberes da cultura negra.

Ao longo de seus 24 anos de estrada, Camilo vem criando e realizando trabalhos que representam seu comportamento em ações socioeducativas, fundamentadas nos conceitos “afrobetizadoras” e “pretagógicas”. Seus projetos possuem como fio condutor a valorização da cultura negra e suas origens, bem como o combate ao racismo e a promoção da igualdade racial. Cada projeto aborda esse tema singularmente, seja através da música (Samba de Terreiro, Bloco Afro

Magia Negra, Babadan Banda de Rua e Per-Concertos), da dança e expressão corporal (Corpo Oralidade), ou por meio de iniciativas socioculturais e comunitárias (Instituto Afrormigueiro). Todos eles pretendem preservar e difundir a cultura afro-brasileira, além de promover a inclusão social e a valorização da diversidade cultural brasileira.

Na dança, é atual coreógrafo e dançarino do grupo Samba de Terreiro e do Bloco Afro Magia Negra. Também atuou no espetáculo Orange Lady que integrou a programação do Festival Internacional de Arte Negra em homenagem ao multiartista Marku Ribas.

A pluralidade e singularidade caminham juntas, consonantes, promovendo um legado a solidificar a cultura ancestral em um patamar de respeito e valorização.

Foto: Acervo do artista



## Holofotes em Clayton Nascimento

O ator Clayton Nascimento tem sido destaque nos palcos e nas telinhas do Brasil. Intérprete, diretor e dramaturgo, foi vencedor do Prêmio Shell na categoria Melhor Ator, pela atuação no espetáculo “Macacos” que discute o racismo estrutural no Brasil. Criado em 1988, o Prêmio Shell de Teatro é a mais tradicional premiação da cena teatral brasileira. O apagamento das memórias e ancestralidades negras dão a tônica no espetáculo da Cia do Sal, dirigido e interpretado pelo ator. O espetáculo aborda a estruturação do racismo no Brasil e se coloca em cena a partir do relato de um homem negro em busca de outros espaços para ocupar diante do adjetivo macaco, que nomeia a obra. Clayton Nascimento é preto, nordestino e cria da periferia de São Paulo. Ele se prepara agora para brilhar também nas telinhas como Caíto, um artista que trabalha na região da Lapa, no elenco de Fuzuê, próxima novela das sete da TV Globo. Ele fará parte do núcleo dramático da protagonista Giovana Cordeiro, que conta ainda com Ary Fontoura, Heslaine Vieira e Walkyria Ribeiro.



Fonte: Acervo do artista

Fotos: Paulo Oliveira

## Um MC

Um dos nomes em evidência do Hip Hop mineiro, Roger Deff, lançou em abril o videoclipe “UM MC”, faixa que está em seu disco “Pra Romper Fronteiras”. O rapper, músico, jornalista e produtor cultural explorou em sua nova produção o papel do hip hop no acesso à cidadania e valorização das periferias.

Assinam a direção do videoclipe Marcelo Araújo e Marcos Cruz.

A produção faz uma viagem histórica na cultura hip hop, celebrando suas diversas linguagens, como o grafite, o break, a escrita, a música, o disco e as juventudes, homenageando os 50 anos da cultura hip hop.

No elenco, além do rapper, estão os artistas Eduardo Sô, Bruna Pimenta, DJ Roger Dee, DJ Hamilton Jr, Mr Mad Jay 68 e Matéria Prima.

O videoclipe pode ser visto no canal de youtube do artista:

[www.youtube.com/@RogerDeff](http://www.youtube.com/@RogerDeff)



## À luta, a voz

O Coletivo Sarau de Periferia prepara, em 2023, circuito em comemoração aos 15 anos de história literária em Belo Horizonte. O projeto “Histórias e memórias de poesia pra mesa de bar” foi pensado para celebrar encontros, reunir poetas e ouvintes, além de disseminar a escrita marginal por cinco regionais da capital mineira. Ao longo dos 15 anos de existência, o Coletivo realizou mais de 200 edições, disseminando arte e poesia através da palavra aberta, democrática, suprapartidária e política. Além disso, o coletivo potencializa e empodera o trabalho de autores e moradores da periferia, geralmente excluídos do processo de produção literária no país.

A agenda de celebrações que acontece ao longo de todo o ano pode ser acompanhada no perfil do coletivo no Instagram: @coletivoz.



Foto: Coletivoz - Divulgação

## Sibilas do Tijuco: Vozes que Ecoam

O Museu Casa dos Contos recebeu neste ano a exposição SIBILAS DO TIJUCO – Vozes que ecoam, de Marcial Ávila. A exposição do artista diamantinense apresenta a arte como uma experiência de pura inspiração. As obras apresentadas são marcadas pela sensibilidade do artista, e também representam o trabalho de pesquisa da professora Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani, o qual alicerçou as criações de Marcial. As peças apresentam dimensões artísticas, culturais e religiosas retratando personagens que ultrapassam a experiência mitológica e, de forma inusitada, chegam até nós como mensageiras de virtudes inspiradoras para além do seu aspecto religioso. Além das pinturas e das 12 Sibilas e painel da Sibila Ciméria (Cumana), de Marcial Ávila, também compôs a exposição a obra Vêu Quaresmal Sibilino, de Caetano Luiz de Miranda (Século XVIII). A sequência das Sibilas do artista resulta da contemplação da abóbada da capela-mor da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim e dos véus quaresmais sibilinos somada a tantas outras experiências e impressões acumuladas ao longo de sua trajetória.



Foto: Marcial Ávila

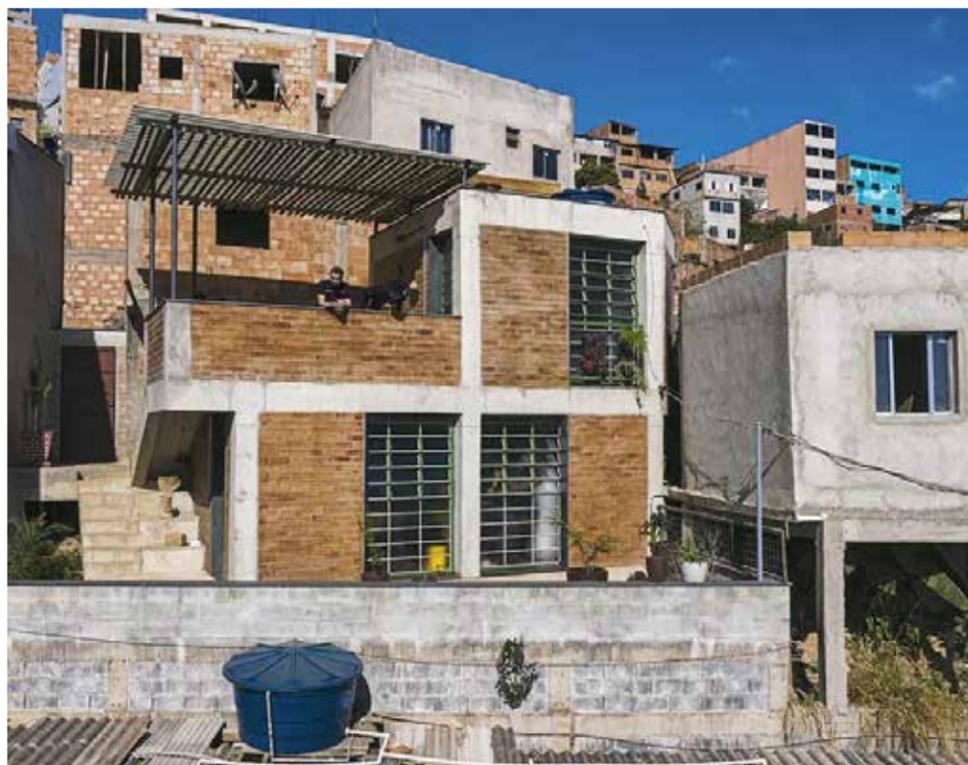
## Dança-Afrobrasileira – Identidade e Ressignificação Negra

O dançarino e coreógrafo Evandro Passos lançou o livro “Dança Afro-Brasileira – Identidade e Resignificação Negra”. Resultado de sua dissertação de mestrado concluída em 2011, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), o livro apresenta um relato da trajetória de jovens de vilas e favelas de Belo Horizonte que, por meio das danças de matrizes africanas, puderam “ressignificar suas vidas”. O livro resgata parte da história da dança afro no Brasil por meio de entrevistas e depoimentos e dá destaque para o pioneirismo da coreógrafa Marlene Silva, uma das principais referências da dança afro-mineira e responsável pela formação do dançarino no início de sua carreira.



Foto: Divulgação

## Prêmio Internacional de Arquitetura Belo Horizonte



A Casa no Pomar do Cafezal, localizada no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, foi a vencedora do prêmio de “Casa do Ano 2023” no Concurso Internacional do ArchDaily, um dos principais portais de arquitetura do mundo. A casa é do artista belo-horizontino Kdu dos Anjos, gerente do Centro Cultural Lá da favelinha, e concorreu na categoria com residências no México, Índia, Vietnã e Alemanha. A escolha foi realizada por meio de votação online. O imóvel de 66 metros quadrados foi construído propositalmente, com tijolos expostos, sem reboco e pintura, e tem o chão finalizado na técnica cimento queimado. O projeto é assinado pela dupla de arquitetos Fernando Maculan e Joana Magalhães.

Casa Kdu dos Anjos.  
Foto: Leonardo Finotti

## Marcelo Amaro lança seu novo álbum intitulado SAMBÁFRICA

Gaúcho radicado no Rio de Janeiro, o artista se tornou presença importante na cena do samba contemporâneo carioca. O álbum apresenta onze composições sendo dez delas inéditas, com destaque para a faixa-título “Sambáfrica”, uma parceria de Marcelo Amaro com Mamau de Castro e Daniel Delavusca, que conta com a participação do babalawô nigeriano Idowú Akín-rúlí na fala inicial em iorubá:

“Samba lse wa ni. Àsà wa n.i Èyin omo áfrikà. E je a jo gbé áruge “.

Marcelo Amaro apresenta diversas tramas rítmicas e sonoridades de linhagem africana, exaltando sua própria herança cultural. O samba vem sempre em primeiro plano, numa feliz e rara conjunção entre tradição e contemporaneidade



Foto: Cris Vicente



# CHICADA SILVA



## Alegria de quem veste!

[chicadasilva.com.br](http://chicadasilva.com.br)

# Nutrição e Hidratação

Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

\* Livre de parabenos e petrolato

#AfroLivre



[www.niaricosmeticos.com.br](http://www.niaricosmeticos.com.br)